

ABANDONO, REPETÊNCIA E EVASÃO: O FRACASSO NA EDUCAÇÃO

Valdecy de Oliveira dos Santos¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar um problema que aflige a todos os educadores brasileiros: abandono e repetência evidenciados no fracasso escolar. Ambos geram a evasão. A evasão é gerada pela vergonha por ter fracassado repetindo de ano, ou por estar em idade avançada. O fracasso tem uma história desde os tempos da escravidão, quando eram considerados incapazes de aprender, devido a sua condição social e etnia. Há muito tempo que o Brasil tenta acabar com esse problema na educação, mas a situação demográfica de algumas regiões por falta de políticas públicas impede que esse fato tenha fim. São questões que perpassam pela desigualdade social, pela família que também tem sua parcela de culpa, pela escola, que deve buscar manter uma relação entre professor e aluno prazerosa, a fim de melhorar a autoestima desse aluno. O professor tem fundamental importância para a transformação desse problema, auxiliando o aluno a sair do fracasso, pois assim permite a esse sujeito permanecer na escola.

Palavras-chave: Abandono. Repetência. Fracasso escolar.

INTRODUÇÃO

Discutir sobre a repetência e abandono, remete ao fracasso na educação. Ambos geram a evasão por vergonha de ter fracassado configurando problemas antigos na educação. São vários fatores envolvidos nesta realidade que ainda preocupa os governantes, tanto que o Plano Nacional de Educação – PNE criado em 2001 no governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso estabeleceu 20 metas e diretrizes para a educação nacional. As metas envolvem desde financiamento à organização pedagógica dos sistemas de educação.

A Meta 3 que é universalizar, até 2016 o atendimento escolar para toda a população de 15 a 17 anos, que de acordo com o Censo de 2016 ainda existe um percentual alto destes que se encontram em idade escolar, porém analfabetos. É uma faixa etária em que estão em vulnerabilidade social, podendo estar envolvidos com

¹ Graduado em Serviço Social pela Faculdade Novo Milênio Vila Velha – ES; com complementação em Artes. Mestrando em Ciências, Tecnologia e Educação pela Faculdade Vale do Cricaré.

atos ilícitos o que irá dificultar o retorno as salas de aula, para tanto faz-se necessário incentivo e um trabalho social intenso.

De acordo com Alves (2018), o MEC divulgou no dia 31/01 o Censo com o balanço de 2017. No levantamento constatou-se uma queda no número de aluno no ensino médio, comparado com 2013 que eram 8,314 milhões de matriculados, em 2017 o número foi de 7,930 milhões. Em 2016 o país tinha 8,133 milhões de alunos nessa fase. A taxa de evasão é alta nessa etapa 11,2% abandonam as salas de aula.

No ensino fundamental, foram registradas 12,019 milhões de crianças matriculadas em 2017. Uma redução em relação a 2016, quando havia 12,249 milhões de estudantes. Mesmo com a queda, o MEC considera o resultado positivo.

Pensando nesta situação, pretende-se neste artigo analisar a repetência e o abandono que tem como resultado a evasão e em consequência o fracasso escolar no decorrer da história, revelando como este fato tornou-se algo preocupante para as políticas públicas educacionais.

2 ABANDONO, REPETÊNCIA E EVASÃO

Na busca sobre qual a diferença entre evasão e abandono escolar descobriu-se que o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep (1998) detectou que “abandono” significa o momento em que o aluno se desvincula da escola, retornando no ano seguinte. Na “evasão” o aluno vai embora da escola e não retorna mais para o ambiente escolar. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica/Ideb apresenta o abandono como o afastamento do aluno do sistema de ensino e desistência das atividades escolares, sem solicitar transferência.

De acordo com Riffel e Malacarne (2010), “[...] evasão é o ato de evadir-se, fugir, abandonar; sair, desistir; não permanecer em algum lugar. Quando se trata de evasão escolar, entende-se a fuga ou abandono da escola em função da realização de outra atividade”. Abandono e evasão são expressos de várias formas.

A evasão escolar é histórica, é uma situação que permeia as discussões, os debates e muitas reflexões em vários âmbitos educacionais, perpassando pelo dever da família, da escola e do Estado, para que de fato o aluno permaneça na escola, de acordo com o artigo 2º estabelecido pela LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

Art. 2º - A educação é dever da família e do Estado, inspirada nos princípios

de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Muito se vem divulgando sobre esse postulado, entretanto não se concretiza, o que é perceptível pelo aumento de alunos que por vários motivos não finalizam a educação básica, abandonando ou evadindo.

Em 2014, o Censo Escolar apresentava que 32.500 escolas no campo haviam sido fechadas, sendo adotada também nas áreas urbanas, em especial em São Paulo no ano de 2015. Diante disso, a evasão aumentou, embora o PNE determinasse que deveria legitimar o direito à educação exigindo a abertura de escolas, além da qualificação urgente das matrículas, com garantia de padrão mínimo de qualidade, por meio do Custo Aluno-Qualidade Inicial (CAQi). Ao contrário disso, houve fechamento de turmas, de escolas inteiras da educação infantil ao ensino médio, enfatizando a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Mediante este resultado que já vinha acontecendo desde anos anteriores em 1997, foi instituída a FICAI – Ficha de Comunicação de Aluno Infrequente em Porto Alegre com parceria entre o Ministério Público, a Secretaria Estadual e Municipal de Educação de Porto Alegre e os Conselhos Tutelares, com o objetivo de obter o controle sobre a infrequência e o abandono escolar de crianças e adolescentes.

A FICAI foi revisada e atualizada em 2011 formando várias parcerias com outras instituições para desenvolver novas estratégias, e em 2012 a FICAI tornou-se um documento online para agilizar e informatizar facilitando o acesso a todos os órgãos competentes envolvidos em garantir a frequência dos alunos.

A FICAI é adota também na região de Mato Grosso e tem as seguintes etapas: se o aluno deixa de frequentar por três dias sem comunicar a escola, o professor deve entrar em contato com a família e procurar saber o motivo da ausência. Caso o professor não alcance êxito, a escola preenche uma ficha, criada pelo MEC e envia por e-mail para o Centro de Referência do projeto, que irá notificar os pais para uma entrevista, e dependendo do resultado, os pais podem ser inseridos na escola de pais.

Apesar da evasão ser um fato presente no ensino fundamental, causa muita preocupação no ensino médio, devido ao aumento que tem sido um fato alarmante no Brasil. De acordo com Queiroz (2018, p. 2),

[...] a evasão escolar, que não é um problema restrito apenas a algumas unidades escolares, mas é uma questão nacional que vem ocupando relevante papel nas discussões e pesquisas educacionais no cenário brasileiro, assim como as questões do analfabetismo e da não valorização dos profissionais da educação, expressa na baixa remuneração e nas precárias condições de trabalho. Devido a isso, educadores brasileiros, cada vez mais, vêm preocupando-se com as crianças que chegam à escola, mas que nela não permanecem.

Para Meneses (2018, p. 1) é histórico a situação da evasão escolar, sendo associado a políticas imposta pelas elites, provocando diversas intervenções no governo modificando o sistema escolar. A reprovação é um fato gerador da evasão, seguida do abandono. Arroyo (1997, p. 23) descreve que a causa da evasão escolar, na maioria das vezes, culpabiliza a escola e a desestruturação familiar, abolindo de alguma maneira, não toda, a culpa do professor e do aluno. Gerando um jogo de empurra-empurra. É notório que a escola dos dias atuais precisa se preparar melhor para formar os jovens e adultos, transformando a sala de aula em um ambiente inovador, atrativo e estimulador, motivando-os a aprender e a não abandonar seus estudos, mas sim concluí-los.

O problema que permeia a evasão e a repetência escolar tornou-se um dos maiores desafios da rede pública brasileira, causadas por diversos fatores sociais, culturais, políticos e econômicos, assim como a contribuição de alguns professores trabalhando com didáticas ultrapassadas e maçantes, desestimulando os jovens e adultos, bem como as crianças que frequentam o ensino fundamental series iniciais e finais.

Conforme Campos e Oliveira (2003, p. 5),

[...] os motivos para o abandono escolar podem ser ilustrados a partir do momento em que o aluno deixa a escola para trabalhar; as condições de acesso e segurança são precárias; os horários são incompatíveis com as responsabilidades que se viram obrigados a assumir; evadem por motivo de vaga, de falta de professor, da falta de material didático; e também abandonam a escola por considerarem que a formação que recebem não se dá de forma significativa para eles.

Queiroz (apud MEKSENAS, 2011, p. 3), relata que “[...] os alunos são obrigados a trabalhar para o sustento próprio e da família. Exaustos da maratona diária e desmotivados pela baixa qualidade do ensino, muitos desistem dos estudos sem completar o curso secundário”.

De acordo com Digiácomo (2018, p. 01), a evasão escolar é um problema recorrente no Brasil, sendo na maioria das vezes aceita e tolerada por escolas e

sistemas de ensino, aceitando um número maior de matrículas, já considerando a desistência e abandono ao longo do ano letivo.

Afirmado por Digiácomo (2011, p. 01) infelizmente a causa da evasão é uma questão socioeconômica, pois a maioria que abandona a escolaridade é pela necessidade de trabalho, devido a família não ter condições de sobreviver. Também é resultado da baixa qualidade do ensino, que desmotiva o sujeito a frequentar as aulas. A repetência no Brasil é um fato que acontece desde o Ensino Fundamental, ocasionando outros problemas, que vão desde a distorção idade-série ao fracasso escolar.

De acordo com Ferreira (2018, p. 2),

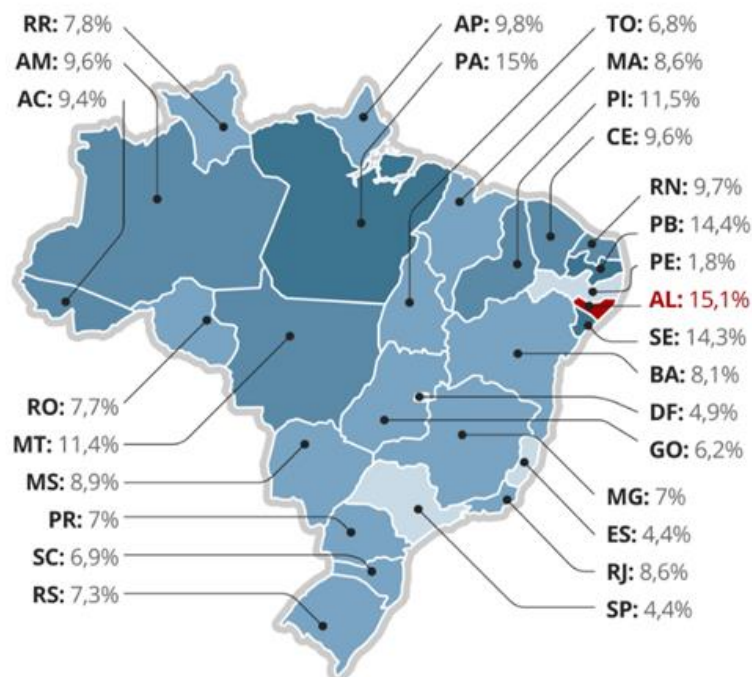
[...] são várias e as mais diversas as causas da evasão escolar ou infrequência do aluno. No entanto, levando-se em consideração os fatores determinantes da ocorrência do fenômeno, pode-se classificá-las, agrupando-as, da seguinte maneira: Escola: não atrativa, autoritária, professores despreparados, insuficiente, ausência de motivação etc; Aluno: desinteressado, indisciplinado, com problema de saúde, gravidez, etc; Pais/responsáveis: não cumprimento do pátrio poder, desinteresse em relação ao destino dos filhos etc; Social: trabalho com incompatibilidade de horário para os estudos, agressão entre os alunos, violência em relação a gangues etc.

Mediante as dificuldades vividas por grande parte dos jovens e adultos com a situação econômica do país, fica evidente os motivos que provocam o abandono e a evasão, seja pelo excessivo número de repetência devido ter que ajudar a família a se sustentar, são dificuldades que na maioria das vezes não são superadas gerando o abandono da escola. Entretanto faz-se necessário trabalhar essas famílias para que ajudem seus integrantes a continuar ou voltar a estudar de forma que concluam a educação básica, evitando dessa forma que entrem no mundo do crime e da violência, fatos comuns para justificar a evasão e o abandono que geram o fracasso escolar.

Steinbach e Pelissari (2012, apud SILVA FILHO; ARAÚJO, 2017, p. 38) declaram que consideram “evasão” um “ato solitário”, levando a responsabilizar o aluno e os motivos externos pelo seu afastamento. Ferreira (2018) chama de “[...] fracasso das relações sociais que se expressam na realidade desumana que vivencia o aluno em seu cotidiano”. Machado (2009, apud SILVA FILHO; ARAÚJO, 2017, p. 36) diz que “[...] tratar da evasão é tratar do fracasso escolar; o que pressupõe um sujeito que não logrou êxito em sua trajetória na escola”.

O Brasil tem um Estado campeão do abandono no Ensino Médio, que é Alagoas. O mapa revela qual o percentual de abandono escolar em cada região.

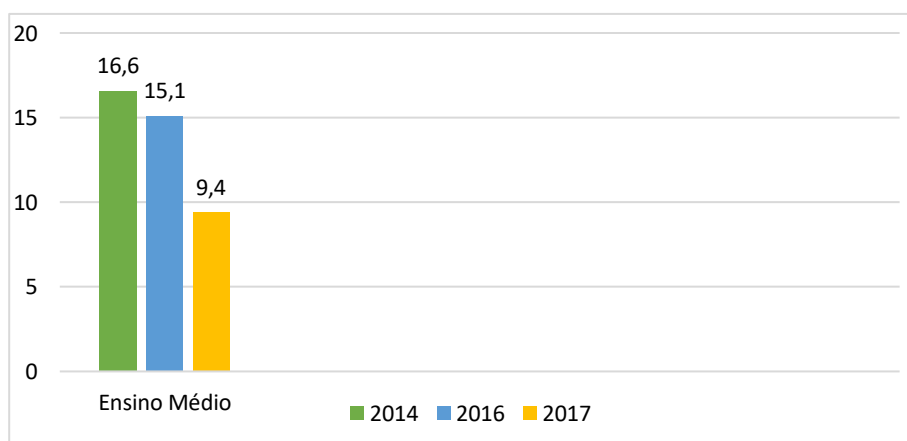
Imagem 1 – Percentual de abandono nas regiões do Brasil em 2016



Fonte: Censo Escolar 2016 – INEP (2018)

O Estado de Alagoas, foi adotado como exemplo neste artigo devido ao alto percentual de abandono escolar revelado pelo INEP no Censo Escolar de 2016, entretanto o Jornal G1 on line, apresentou um novo dado no ano de 2018 que está mudando a história do Estado, revelando que entre 2007 e 2017, a taxa de evasão na rede estadual de Alagoas caiu de 23% para 9,4%. A taxa de abandono no ensino médio, veio caindo. Em 2014 era 16,6%, em 2016 era 15,1% e em 2017 foi 9,4%.

Imagem 2 – Taxa de abandono no Ensino Médio em Alagoas



Fonte: Autor do artigo, 2018

A escola para e do povo é insatisfatória, do ponto de vista quantitativo e, sobretudo, qualitativo. O fato é que o fracasso escolar dos alunos oriundos das camadas populares, é confirmado pelos altos índices de repetência e evasão, e revela que, se vem ocorrendo uma progressiva democratização do acesso à escola, não tem acontecido da mesma forma com a democratização da escola. As escolas brasileiras têm-se revelado incapaz para a educação das camadas mais baixas, e essa incompetência, vai motivando o fracasso escolar.

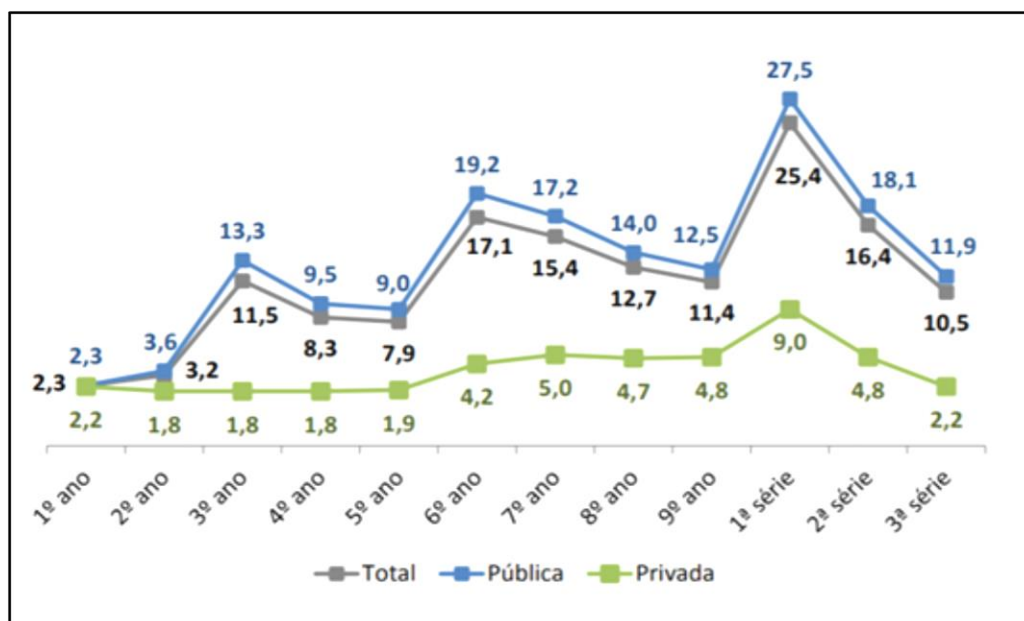
A palavra fracasso pode ser entendida como sendo o pouco sucesso na escola, dando a entender reprovação ou evasão escolar. Das diversas formas explicitadas para a palavra fracasso, muitos recaíram para as dificuldades de aprendizagem.

Para alguns autores os problemas de fracasso existem devido alguns alunos não conseguirem acompanhar o ritmo da turma, isto é justificado por Charlot (2000, p. 16) que apresenta este fato da seguinte forma: “[...] o fracasso escolar não existe, o que existe são alunos fracassados, situações de fracasso, histórias escolares que terminam mal. Esses alunos, essas situações de fracasso é que deveriam ser analisadas”.

Dentre a quantidade de fatos relacionados ao fracasso escolar, surgem os extraescolares, e os intraescolares. Os primeiros referem-se às más condições de vida de boa parte da população brasileira no que tange à escolaridade. Os fatores intraescolares se referem ao currículo, aos programas, o trabalho exercido pelo professor e pelos especialistas, as avaliações de desempenho dos alunos, e outros. Tudo isso colabora para o fracasso escolar das crianças de origem social e econômica da classe de classe média baixa.

A repetência e a evasão vão edificando o afunilamento da pirâmide educacional brasileira. Soares (1986, p. 6) aponta três esclarecimentos para determinar a causa do fracasso escolar: “[...] a ideologia do dom, a ideologia da deficiência cultural e a ideologia das diferenças culturais”.

Imagem 3 – Taxa de insucesso (soma de reprovação e abandono) por séries do ensino fundamental e médio nas redes de ensino – Brasil 2015



Fonte: Portal do MEC, 2016.

Soares (1986, p. 6) relata que:

[...] na ideologia do dom, as causas do sucesso ou do fracasso na escola devem ser procuradas nas peculiaridades dos indivíduos: a escola oferta “igualdade” de chances e o bom aproveitamento dessas chances só dependerá do [...] dom-aptidão, inteligência, talento de cada um. Dessa forma não seria a escola a responsável pelo fracasso do aluno, a causa estaria na ausência de condições básicas, neste, para a aprendizagem. Nessa ideologia, o fracasso do aluno explicar-se-ia por sua incapacidade de adaptar-se e de ajustar-se ao que lhe é oferecido.

A ideologia da deficiência cultural olhava com naturalidade para os alunos procedentes das camadas populares alegando ser estes a terem a maior probabilidade de fracasso na escola, pois, faziam parte dessas classes exatamente por serem menos dotados, estarem menos aptos, terem menos inteligência, se não o fossem, possivelmente não falhariam. Justificavam assim, as desigualdades sociais alegando serem estas as responsáveis pelas diferenças de rendimento dos alunos. As situações de vida da classe mais baixa e os modos de socialização dessas crianças é que seriam as culpadas pelo baixo rendimento dos alunos e pelo seu fracasso escolar.

Os alunos provenientes das classes dominadas revelavam desvantagens ou déficits, resultantes dos problemas de deficiência cultural. Por este motivo, a criança

originária desse meio também poderia apresentar deficiências cognitivas, afetivas e linguísticas, que seriam culpadas por sua dificuldade de aprender e por seu fracasso escolar. Mas, segundo Soares (1986, p. 12):

Do ponto de vista das ciências sociais e antropológicas, as noções de 'deficiência cultural', 'carência cultural', 'privação cultural', são inaceitáveis: não há culturas superiores e inferiores, mais complexas e menos complexas, ricas e pobres; há culturas diferentes, e qualquer comparação que pretenda atribuir valor positivo ou negativo a essas diferenças é cientificamente errônea.

Assim nasce a ideologia das diferenças culturais com outra justificativa para o fracasso na escola, dos alunos oriundos das camadas populares. Para essa ideologia o termo deficiência e carência se referem a falha, falta, ausência, e quando o assunto se remete à cultura, o que se pode perceber é que há uma variedade de culturas, distintas umas das outras, mas todas ao mesmo tempo estruturadas, coesivas e complexas.

De acordo com Soares (1986, p. 13) “[...] o aluno sofre um processo de marginalização cultural, não por deficiências intelectuais ou culturais, como sugerem a ideologia do dom e a ideologia da deficiência cultural, mas porque é diferente, como afirma a ideologia das diferenças culturais”.

A família fica sem estrutura diante de problemas de fracasso escolar, devido quererem ver o filho frequentando a escola. O desemprego faz parte do cotidiano dessas crianças, bem como as condições salariais que são precárias, além da violência nas ruas fazem com que as crianças sigam caminhos perigosos gerando a impotência das famílias. São situações que geram a desmotivação em continuar estudando, o que gera a evasão ou a repetência. E assim as condições sociais de fato, caminham para o fracasso escolar.

A maioria dos pais acusam os professores pelo mau desempenho do filho na escola, alegam que se o professor se dedicasse mais, seria capaz de realizar milagres com as crianças. Em contrapartida, alguns professores não aceitam os conhecimentos que a criança traz de casa e assim desvalorizam o que o aluno sabe, deixando-o mais perdido, pois o que sabe de nada vale.

A criança pobre tem, então, muito poucas ocasiões de acertar, de responder certo uma pergunta, de fazer bem um exame, porque o que ela sabe não é levado em conta e o que ela tem que aprender não tem nada que ver com sua experiência de vida fora da escola (CECCON; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 1984, p. 64).

Todos, tanto a família, quanto a escola, o professor e a própria criança são culpados, cada um com sua parcela de culpa. “A culpa é resultado desse grupo de fatores associados que coletivamente influenciam a “vítima” - o aluno - de maneira que sem saber como agir acaba fracassando escolarmente” (CECCON; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 1984, p. 64)

Assim, nota-se que não há um único “culpado” pelo fracasso escolar. Muitos pesquisadores brasileiros, buscaram entender o fracasso escolar numa visão de mundo no decorrer do século XIX no leste europeu e na América do Norte. Patto (1999, p. 154) assinala para a necessidade,

[...] de se romper com o estigma de que o fracasso tem sua culpa no aluno ou na sua família, e desperta a atenção para a dimensão muito maior dos valores institucionais e sociais na produção do fracasso escolar do que problemas emocionais, orgânicos e neurológicos, rompendo, portanto, com as visões psicologizantes, da carência cultural e das dificuldades de aprendizagem.

No decorrer dos anos 90, as políticas educacionais, segundo Nagel (apud GUIMARÃES, 2001, p.112), “[...] estiveram diretamente subjugadas aos interesses do capital estrangeiro, sob as determinações do Banco Mundial e FMI, momento em que houve a reorganização da ideologia liberal de acumulação do capital, denominada de neoliberalismo”. Como segurança, garantiam-se nas Diretrizes Educacionais, empregando a normatização para o apoio ao aluno, estimulando a iniciativa e a criatividade.

O fracasso escolar então é revelado como “[...] produto de professores mal qualificados” (NAGEL, apud GUIMARÃES, 2001, p. 05), não enfatizando qualquer forma de explicação que componha a relação entre concentração de renda e condições reais de aprendizagem.

A superação do fracasso escolar ainda é desafiante para o sistema educacional brasileiro, por ser um tema de grande aprofundamento nas discussões coletivas. Um dos temas discutidos para a transformação desse fracasso, é a formação de professores.

A formação continuada de professores favorece a troca de experiências e a interação entre os participantes, onde se é professor e aluno ao mesmo tempo e o tempo todo. Momento este em que se procura novos conhecimentos, habilidades e competências.

São complexidades que atuam como desafio e incentivo para professores,

gestores e instituições no planejamento e execução dessas formações. São formações que tem como objetivos fazer com que o professor saia do seu espaço e vivencie experiências novas, para transformar a sua prática.

Os professores em sua maioria demonstram boa vontade em ajudar seus alunos que se encontram com dificuldades na aprendizagem. Muito se faz e se tenta fazer, porém, o funcionamento da escola contribui na produção desses resultados e dos espaços de cada aluno. Várias medidas vão sendo aplicadas de acordo com as políticas públicas, porém essas políticas não continuam deixando no ar algo que se começou e não terminou.

O processo avaliativo na maioria das escolas é considerado algo de extrema importância, pois é este que aprova ou reprovava o aluno, sendo este também o termômetro para se saber se o aluno domina ou não o conteúdo aplicado por cada disciplina, entretanto o que se deve valorizar é de fato, o conhecimento adquirido pelo bom aprendizado.

Segundo Paro (2001, p. 58), “[...] a reprovação escolar é parte integrante da realidade escolar, manifestando-se não só nos alunos retidos e “desistentes” que a escola produz, mas também no modo de agir e de pensar que perpassa as atividades escolares”.

A reprovação escolar, ainda na opinião de Paro (2001, p. 68), acaba revelando o motivo para a incapacidade da escola:

[...] primeiro como cautela, para que não haja no próximo ciclo um aluno que não tenha competência para aí estar, segundo, como justiça feita ao aluno que não quis estudar, e finalmente, como garantia de qualidade para a escola que não terá para a próxima série um aluno que não consiga acompanhá-la.

É bem mais fácil para a escola reprovar, tendo como argumento a incapacidade do aluno e o fracasso deste que deveria ser acompanhado no dia a dia da sala de aula, do que assumir. Também é mais fácil punir a criança do que buscar uma forma de provocar nela o interesse, aguçar sua curiosidade para aprender e impedir o seu fracasso.

De acordo com Paro (2001, p. 68), “[...] o fracasso escolar não é proveniente de uma causa isolada, mas é produto de um conjunto de determinantes provindos de diversas naturezas”.

A família cumpre um papel muito importante na transmissão da cultura, sendo o grupo humano de maior destaque. É nela que o indivíduo ganha a primeira educação

e aprende a dominar seus instintos mais primitivos. Na educação infantil, a família é responsável pelo exemplo que a criança terá em ações de conduta na atuação de seus papéis sociais e das normas e valores que controlam tais papéis.

A formação continuada amplia os conhecimentos e favorece a qualidade do que o professor ensina e como ensina. São práticas que auxiliam o professor a sistematizar no dia a dia, o processo de conhecimento. O fracasso não acontece somente pelo fato da escola, às vezes descumprir o seu papel, mas pela falta do envolvimento, compreensão da família e do Estado.

De acordo com Scoz (1994, p. 171 e 173),

[...] a influência familiar é decisiva na aprendizagem dos alunos. Os filhos de pais extremamente ausentes vivenciam sentimentos de desvalorização e carência afetiva, gerando desconfiança, insegurança, improdutividade e desinteresse, sérios obstáculos à aprendizagem escolar. O contato com a família pode trazer informações sobre fatores que interferem na aprendizagem e apontar os caminhos mais adequados para ajudar a criança. Também torna possível orientar aos pais para que compreendam a enorme influência das relações familiares no desenvolvimento dos filhos.

A escola deve ter uma relação muito próxima com a família, favorecendo assim a integração desta no meio escolar, para que possam conhecer os professores e amigos com quem o filho convive e passa boa parte dos dias em companhia. A relação deve ser de confiança e parceria, assim pode-se ter um diálogo aberto e franco.

Hoje a escola é um dos mais importantes elos entre a família, o indivíduo e a sociedade. Ela é a mediadora dessa relação. Segundo Marin (1998, p. 18):

Ao transmitir a cultura e, com ela, modelos sociais de comportamento e valores morais, a escola permite que a criança “humanize-se”, cultive-se; socialize-se ou, numa palavra, eduque-se. A criança vai deixando de imitar os comportamentos dos adultos e passando a apropriar-se dos modelos e valores transmitidos pela escola, aumentando, dessa forma, sua autonomia e seu pertencimento ao grupo social.

No contexto histórico do Brasil, a escola sofreu muitas mudanças em favorecimento de uma boa educação. Considerando esse contexto histórico, social e econômico, torna-se de fácil compreensão entender os motivos que fizeram a escola ganhar maior importância e aumentar seus papéis, efetivamente procurando democratizar-se.

São fatos que contribuíram para que a escola obtivesse as especificidades que possui hoje na sociedade brasileira: “[...] uma instituição que trabalha a serviço desta

sociedade, sendo por ela sustentada a fim de responder algumas necessidades sociais e, para isso, a escola precisa exercer funções especializadas” (MARIN, 1998, 18).

Segundo Mercês e Sampaio (2004, p. 126),

[...] o fracasso escolar não se explica apenas pela reprovação, acontece uma perda ainda mais relevante, caracterizada pela dissociação da relação ensino-aprendizagem, isto é, no distanciamento cada vez maior entre os alunos e o conhecimento que a escola pretende transmitir.

A escola torna-se então a mediadora entre o estudante e a sociedade. O que favorece o aprendizado não só de conhecimentos cognitivos, como também de habilidades comportamentais indispensáveis para a convivência coletiva.

Para que essa relação seja saudável, é importante que se conheça os alunos e as famílias com as quais a escola está se relacionando. A observação pode ser um banco de informações valiosas e assim, levar os professores a analisarem com êxito as suas atitudes enquanto educadores, identificando questões e estabelecendo propostas educacionais adequadas a realidade de seus alunos.

O fracasso é sem sombra de dúvida, um dos problemas mais agravantes, com o qual a realidade educacional brasileira vem lutando há vários anos. Tal fato é destacado em todas as modalidades de ensino, mesmo que o aluno tenha um maior índice de presença nos anos iniciais de sua escolarização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fracasso escolar tornou-se um grande desafio para a educação brasileira com a evasão, abandono e repetência. O aluno que está fracassando na escola, precisa de um olhar mais apurado sobre sua aprendizagem, pois o problema pode estar em casa, ou até mesmo nas relações que se formam na comunidade.

É necessário a parceria com a família, no sentido de fortalecer as relações e favorecer o aprendizado do aluno, buscando meios que facilitem sua compreensão. É nesse caminho que se constrói um a escola democrática, parceira das famílias e construtora de sujeitos que trilhem o caminho do saber com dignidade, respeito, sabedoria e acima de tudo com uma autoestima segura.

O professor pode ser muito dinâmico, criativo, infelizmente constatou-se que mesmo ele sendo assim, não garante a permanência dos evadidos na escola, fato que

depende somente da boa vontade, motivação e persistência desse aluno em busca de conhecimento, independente de sua idade ou ano e turma em que está inserido.

A conscientização de que a busca de conhecimento dará um novo rumo a sua vida, melhorando a dele (a) e de sua família, poderá servir de força motivadora para continuar a estudar, tornando o cidadão reflexivo e crítico para que possa vivenciar e exercer seu direito de cidadão.

Enfim, o caminho a percorrer em busca de um ideal, é de ação e reflexão sobre a prática, momento em que se estabelecerá uma relação saudável e significativa para o desenvolvimento do processo cognitivo do aluno e este conseguirá superar o fracasso escolar em que se encontra.

REFERÊNCIAS

ALVES, Sara. **Evasão escolar é de 11,2% no ensino médio, aponta censo do MEC** Número de estudantes nessa etapa do ensino caiu de 8,3 milhões em 2013 para 7,9 milhões em 2017. Disponível em: <<http://www.metropoles.com/brasil/educacao-br/evassao-escolar-e-de-112-no-ensino-medio-aponta-censo-do-mec>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

ARANHA, Ana. A escola que os jovens merecem. In: **Revista Época**, n. 587, ago. 2009.

ARROYO, Miguel G. da. **Escola coerente à Escola possível**. Coleção Educação popular, n. 8. São Paulo: Loyola, 1997.

BRASIL. **Notas estatísticas do Censo Escolar 2016**. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2017/notas_estatisticas_censo_escolar_da_educacao_basica_2016.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2018.

BRANDÃO, Zaia et alii. O estado da arte da pesquisa sobre evasão e repetência no ensino de 1º grau no Brasil. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 64, n. 147, maio/agosto 1983, p. 38-69.

CAMPOS, E. L. F. OLIVEIRA, D. A. **A infrequência dos alunos adultos trabalhadores, em processo de alfabetização na Universidade Federal de Minas Gerais**. Dissertação apresentada na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do grau de mestre. Belo Horizonte, 2003.
CECCON, Claudius; OLIVEIRA, Miguel Darcy de; OLIVEIRA, Rosiska de. **A vida na escola e a escola da vida**. 11. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1984.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DIGIÁCOMO, Murilo José. **Evasão Escolar: Não Basta Comunicar e as Mãos Lavar.** Disponível em: http://w.www.mp.ba.gov.br/atuacao/infancia/evasao_escola_murilo.pdf. Acesso em: 24 jul. 2018.

FERREIRA, Luiz Antonio Miguel. **Evasão Escolar.** Disponível em: <http://www.abmp.org.br/textos/159.htm>. Acesso em: 23 jul. 2018.

G1 AL – Taxa de evasão escolar na rede pública de AL cai e cresce aprovação de estudantes. **Disponível em:** <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/taxa-de-evasao-escolar-na-rede-publica-de-al-cai-e-cresce-aprovacao-de-estudantes.ghtml>. **Acesso em: 25 jul. 2018.**

MARIN, A. J. Com o olhar nos professores: Desafios para o enfrentamento das realidades escolares. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 19, n. 44, 1998.

MENESES, José Décio. **A Problemática da Evasão Escolar e as Dificuldades da Escolarização.** Disponível em: <http://www.artigoonal.com/ensino-superior-artigos/aproblematica-da-evasao-escolar...da-escolarizacao-2761092.html>. Acesso em: 20 jul. 2018.

MEKSENAS, Paulo. **Sociologia da Educação: uma introdução ao estudo da escola no processo de transformação social.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MERCÊS, M.; SAMPAIO, F. **Um gosto amargo de escola: relações entre currículo, ensino e fracasso escolar.** 2. ed. São Paulo: Iglu, 2004.

PARO, V.H. **Reprovação escolar: renúncia à educação.** São Paulo: Xamã, 2001.

QUEIROZ, Lucileide Domingos. **Um Estudo Sobre a Evasão Escolar: para se pensar na inclusão escolar.** Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/25/lucileidedomingosqueirozt13.rtf. Acesso em: 20 jul. 2018.

RIFFEL, S. M. MALACARNE, V. **Evasão escolar no ensino médio: o caso do Colégio Estadual Santo Agostinho no município de Palotina, PR,** 2010.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social.** 17. ed. São Paulo: Ática, 1986.

SILVA FILHO, Raimundo Barbosa. ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima. **Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências** Disponível em: [file:///C:/Users/fazen/Downloads/24527-114840-2-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/fazen/Downloads/24527-114840-2-PB%20(1).pdf). Acesso em: 26 jul. 2018.

SCOZ, Beatriz, **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem.** 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.